

10			
			(5)



Pedra de cristal: pajelança e promessa de doação

Cristal causa guerra entre índios e brancos

O lindo cristal gigante que muita gente viu no shopping Pátio Brasil para ser leiloadado, além de ter ficado encalhado, virou motivo de guerra entre índios e brancos. De um lado, está o cacique David Terena, presidente da Organização Não Governamental (ONG) Instituto Americano de Culturas Índias do Brasil (Iacib), que comandou o ritual de batismo da peça, ocorrido na sede da Funai com a participação de 16 índios, e de outro o dono da pedra, Emiliano Santos. O motivo da briga, que já foi parar na Justiça, é dinheiro.

Terena acusa Emiliano de ter combinado, embora isso não conste em nenhum contrato, repassar à sua ONG metade do preço da venda da pedra. Os negociadores do cristal rebatem, dizendo que ficou acertado uma doação para a Iacib de 50% do total avaliado, que fica em torno de R\$ 200 mil. Mas a grande questão é que o objeto não foi leiloadado, portanto não se apurou nada com a valiosa pedra que hoje fica encalhada em um quarto na casa de Emiliano, em Sobradinho. Ele não foi localizado ontem à tarde pela reportagem do Jornal de Brasília.

Mesmo assim, Terena está cobrando uma indenização de R\$ 500 mil na Justiça, que representa cinco vezes o valor

da pedra. Ele está processando Emiliano por danos morais e materiais. "Ele utilizou indevidamente a imagem do índio, usando fotografias do batismo da pedra no Pátio Brasil e não pagou nada por isso", acusa Terena. Segundo ele, o minerador havia prometido pagar R\$ 200 a cada índio que participou da Pajelança, um ritual que serviria para que o cristal fosse vendido rapidamente.

Deu tudo errado. A pedra, uma drusa de quartzo que pesa 2,5 mil toneladas, embora tenha ficado exposta vários dias no shopping, despertando curiosidade nas pessoas que por lá passavam, não foi vendida. Terena entrou com processo contra Emiliano na 10ª Vara Cível do Tribunal de Justiça do DF e garante que já foi deferida liminar favorável à indenização que está solicitando.

Emiliano, que não tem sequer um telefone em casa e está com aluguel atrasado, disse, em outra oportunidade, ao Jornal de Brasília que prometeu uma doação para a ONG de Terena, mas como a pedra não foi vendida, ele acredita que está livre desse compromisso. O índio garante que vai continuar a briga. "Quando a gente firma um negócio, tem que ter palavra de homem", acredita.

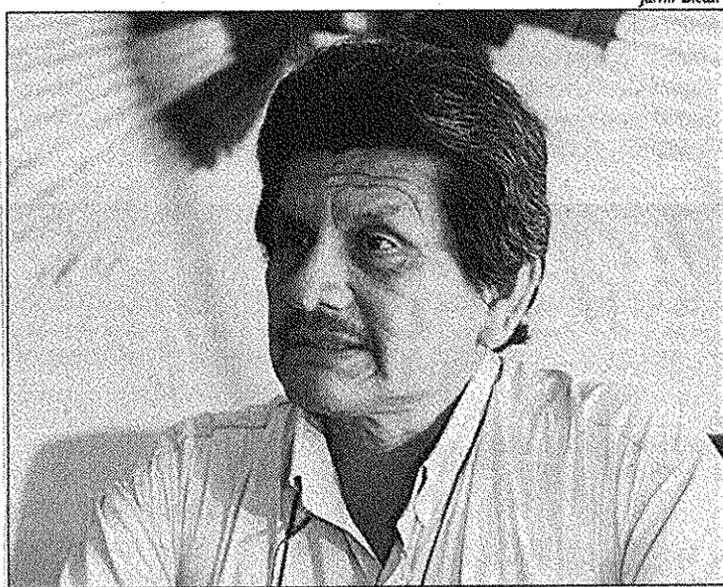
MÁRCIA DELGADO

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

Rio de Janeiro (21) 215-5656

São Paulo (11) 3326-0188

Jamil Bittar



Terena: "Ele utilizou indevidamente a imagem do índio"

Fracasso no leilão da pedra

O cristal da discórdia foi dado como pagamento a Emiliano Santos por parte de seu sócio em uma mineradora em Niquelândia (GO), que decidiu desfazer a sociedade. Trazido para Brasília, considerada uma cidade mística, a pedra foi levada para o shopping Pátio Brasil, local de grande circulação de pessoas. Seu leilão, marcado para acontecer no final de novembro último, foi um fracasso. Não apareceu ninguém. O segundo, pouco tempo depois, também não vingou.

A venda do cristal foi amplamente divulgada pela mídia. Terena foi convidado pelo minerador para fazer uma pajelança, juntamente com os índios das tribos Guajajara, Xavante e Kaingang, que aconteceu na sede da Funai, que agora querem receber de qualquer jeito. "A cobrança dos R\$ 200 é legal, já que havia uma comercialização de um produto", salienta David Terena.

O negociador da pedra,

Alex Paniago, demitido por Emiliano, diz que, assim que viu a mídia em torno da venda da pedra, "o índio cresceu o olho", se referindo a Terena. Ele garante que Terena chegou a assinar um contrato, no qual estabelecia que a parte da ONG seria metade da avaliação e não da venda da pedra. Paniago, porém, diz que Terena rasgou o documento. Ele não tem cópia desse contrato.

Terena, por sua vez, afirma não ter assinado nada. "Até formulei um contrato, mas ele (Emiliano) não quis assinar", rebate. Ele diz querer a pedra para comercialização e garante ter um comprador à vista. Mas quem se interessaria por uma pedra de 2,5 mil toneladas? "É uma peça de museu e que só não foi vendida porque a leiloeira estabeleceu que as pessoas que comprassem a pedra teriam de pagar taxas sobre o valor", justifica Paniago, acrescentando que esse foi o motivo de sua discordância em relação a Emiliano. (M.D.)